

VIVENDO AS TRANSEXUALIDADES: VIOLÊNCIA E AMOR¹

LIVING TRANSEXUALITIES: VIOLENCE, AND LOVE

Ivanir Tiecker Elias²

Prof.^a Dr.^a Zuleica Pretto³

Resumo: Esta pesquisa buscou identificar as possíveis vicissitudes em relação ao corpo presentes nas experiências de vida de uma pessoa autodefinida transexual. Para isso, foi feita uma busca por meio de plataformas digitais e livros de temáticas transexuais, almejando reconhecer um relato de vida de uma pessoa automeada transexual que vislumbrasse infância, adolescência e vida adulta. Após explorar vários relatos expostos, optou-se por estudar uma única narrativa que trouxesse vários dados, propiciando um estudo mais profundo de uma história contínua de vida. A narrativa selecionada foi analisada segundo a técnica de análise discursiva, explorando as falas em busca de sentidos, entendendo as palavras como forma de interagir com o meio, ao mesmo tempo que este nos influencia e interage conosco. Examinamos os mais variados fatos, perseguindo conhecimento e entendimento sobre o fenômeno das transexualidades e vicissitudes da vida de uma pessoa que assim se autodetermina. Foram estudados diversos pontos, como a interferência do binarismo de gênero sobre um corpo que busca a liberdade de ser diferente. Pretendeu-se também entender a relação de uma vivência transexual com as pessoas próximas e com o meio em que se vive, marcada não só por violências e discriminações, mas também pela possibilidade de encontrar amor. Foi verificado quanto o conhecimento das vicissitudes dessa vida, pode interferir no seu desenvolver e na integração em sociedade.

Palavras-chave: Transexualidades, Corpo, Gênero, Identidade, Narrativas.

Abstract: This research sought to identify possible vicissitudes in relation to the body in the life experiences of a self-described transsexual person. We searched through digital platforms and books on transsexuality-related themes, aiming to recognize a transsexual person's life story that offered a glimpse into childhood, adolescence, and adulthood. After exploring several published accounts, we chose to study a single narrative that would offer several data, providing a deeper study of a continuous life story. The chosen narrative was analyzed using discourse analysis, exploring speech for meanings and understanding words as a way to interact with the surroundings, which influence and interact with us at the same time. We examined various facts to understand the phenomenon of transsexualities and the vicissitudes in the life of a self-described transsexual. We studied several aspects, such as the interference of the gender binary in a body that seeks the freedom to be different. We also attempted to understand the relationship of a transsexual experience with close

¹ Artigo apresentado como requisito parcial para a conclusão do curso de Graduação em Psicologia da Universidade do Sul de Santa Catarina (Unisul). 2020.

² Acadêmica do curso de Psicologia da Universidade do Sul de Santa Catarina (Unisul). E-mail: ivanirtelias@tangoltda.com.br.

³ Doutora Zuleica Pretto - Professora Titular na Universidade do Sul de Santa Catarina (Unisul).

people and with one's environment – a relationship marked not only by violence and discrimination, but also by the possibility of finding love. We confirmed how knowing such vicissitudes can interfere in the person's development and integration into society.

Keywords: Transsexualities. Body. Gender. Identity. Narratives.

1 INTRODUÇÃO

Este artigo apresenta uma pesquisa realizada na Unidade de Aprendizagem: Proposição de Conhecimento Científico em Psicologia como requisito parcial para obtenção do título de psicóloga do Curso de Psicologia da Universidade do Sul de Santa Catarina (Unisul).

A opção pelo tema transexualidades se deu em razão de existir um grande desejo de ampliar o conhecimento sobre o assunto, ainda abordado de forma breve e superficial na sociedade em geral. Sobre a autora desta pesquisa, cabe deixar clara sua condição de mulher cisgênera⁴, heterossexual⁵ e branca, buscando conhecimento sobre o tema, evidenciando a posição em total e absoluto repúdio às normas e falas patologizantes que causam exclusão, dor e sofrimento à população transexual.

Entendendo não ser este o lugar de fala da escritora, grifamos a necessidade de ampliar os estudos sobre este tema, já que muitas das ações de exclusão surgem por desconhecimento e ignorância, praticado em grande parte por pessoas cisgêneras transfóbicas⁶. Acreditando que o conhecimento e o esclarecimento contribuem para a busca de dignidade e justiça, de modo que as comunidades transexuais sejam respeitadas, sendo legitimados os seus direitos.

Assim, considerando este artigo uma busca por aprimoramento na formação em psicologia e considerando a discriminação social que ainda sofrem as pessoas autodefinidas⁷ transexuais, faz-se necessário respeitar o Código de Ética do

⁴ O sufixo “cis” significa “deste lado” ou “aquém”, fazendo contraposição ao prefixo “trans”: “do outro lado” ou “além”. Dessa forma, a palavra cisgênero é usada como antônimo da palavra transgênero (CISGÊNERO, 2020).

⁵ A heterossexualidade é um tipo de orientação sexual caracterizada pelo desejo e pela atração por pessoas do sexo oposto (HETEROSSEXUAL, 2020).

⁶ **Transfobia** é uma forma de preconceito contra pessoas transexuais, que pode se traduzir em atos de violência física, moral ou psicológica. A transfobia é uma forma de aversão às pessoas trans e se manifesta em diferentes ações de preconceitos, explícitos ou velados (FERREIRA NETTO, 2020).

Profissional de Psicologia e a Resolução nº 1, de 29 de janeiro de 2018, que assim dispõe:

Art. 1º - As psicólogas e os psicólogos, em sua prática profissional, atuarão segundo os princípios éticos da profissão, contribuindo com o seu conhecimento para uma reflexão voltada à eliminação da transfobia e do preconceito em relação às pessoas transexuais e travestis.

[...]

Art. 3º - As psicólogas e os psicólogos, no exercício profissional, não serão coniventes e nem se omitirão perante a discriminação de pessoas transexuais e travestis (CFP, 2018).

As transexualidades estão apoiadas em experiências nas quais os sujeitos não se identificam com o sexo ou gênero designados no nascimento, sendo algumas pessoas com mais, outras menos sentimento de disforia. Tal fenômeno desafia normas sociais firmadas em modelos cis-heteronormativos supressivos, envolvendo corpo, gênero e identidade. Berenice Bento (2008, p. 18) define a “transexualidade como uma experiência identitária caracterizada pelo conflito com as normas de gênero”, o que suscita a ideia de que o normal seria o sexo biológico e o gênero serem correspondentes, provocando exclusão e patologização de corpos diferentes por não atenderem ao ideário social.

Segundo Bento (2017), fenômenos transexuais vêm sendo estudados pela medicina com uma visão patologizante desde a década de 1940. Porém, a nomenclatura transexual teve origem em 1949 na publicação de um estudo de caso de um transexual masculino, por David Cauldwell. Mais adiante, no ano de 1953, o endocrinologista Harry Benjamin retoma o tema, posicionando-se contra qualquer tratamento terapêutico. Apontava este que a única alternativa para transexuais seria a cirurgia, o que naquele momento era visto como um ato de mutilação. A partir dos anos 1970 e 1980, as buscas pelo conhecimento sobre o assunto foram aumentando, mesmo que a procura constante sempre fosse por uma “cura” para tal fenômeno (BENTO, 2017).

Na busca de discutir o transitar desses corpos, é preciso problematizar os efeitos dos binarismos⁸ e a necessidade de romper com as normas sociais para um

⁷ Usamos os termos “autodeterminam”, “autodefinem”, “autonomeação” para pessoas transexuais, porque, segundo a Resolução CFP nº 1/2018, art. 7º, parágrafo único: “As psicólogas e os psicólogos, na sua prática profissional, reconhecerão e legitimarão a autodeterminação das pessoas transexuais e travestis em relação às suas identidades de gênero” (CFP, 2018).

olhar empático em relação à comunidade transexual. Quando falamos de corpos, não estamos resumindo as pessoas a um corpo; no entanto, referimo-nos a corpos porque é a primeira forma pela qual somos vistos e muitas vezes julgados, especialmente em se tratando de pessoas que vivenciam experiências de mudança de gênero. Conforme Peres e Toledo (2011), é no corpo que as marcas das experiências vivenciadas, as modificações e (trans)formações realizadas por travestis e transexuais são evidenciadas, possibilitando a emergência de outros modos de existencialização. Bento e Pelúcio (2012) reforçam a indispensabilidade de buscar reconhecimento para as pessoas trans⁹, desfazendo ideias biomédicas de que são pessoas catalogáveis. Autorizam, portanto, essas pessoas a gerir seus corpos, podendo incluir ou não tratamentos hormonais ou cirurgias a depender do seu querer, sendo que algumas podem não sentir esse desejo. Inquestionavelmente, as normas cis-hetero-normativas – que cerceiam a sociedade obrigando o enquadre das pessoas no que é ser homem ou mulher – produzem exclusão aos que diferem à regra, tornando seus corpos abjetos¹⁰.

Com isso, a população trans é marginalizada, e grande parte se sente insegura quando se trata do olhar do outro. Isso ocorre pois, como nos coloca Letícia Lanz (2015), a exposição é um dos pontos mais paradoxais para pessoas que se autodenominam transexuais, devido às tantas “implicâncias” que podem decorrer de ser visto. Embora haja receio à reação do outro, serem vistas em público conforme o gênero oposto ao seu biológico é o grande desejo de pessoas trans. Bento (2017) nos chama atenção sobre esses corpos, evocando a ideia de corpos que relatam as mais variadas histórias em um fazer e desfazer de suas formas, onde as normas de gênero não dão conta de explicá-las.

No ano de 2020 o Brasil segue sendo um dos países que mais mata transexuais, contando com 152 registros, se mantendo na posição pelo 12º ano consecutivo, segundo um estudo do “Observatório de Pessoas Trans Assassinadas Globalmente”, feito pela Transgender Europe. A violência chama a atenção em todos os níveis de idade, mas as maiores chances de uma pessoa trans ser

⁸ Binário de gênero insiste que homens são masculinos e mulheres são femininas, o que reduz significativamente as possibilidades de expressão para fora destas noções normativas de identidade (BURIGO, 2016).

⁹ Pessoas trans, de acordo com Jesus (2012), são aquelas que não se identificam, em graus diferentes, com comportamentos e/ou papéis esperados do gênero que lhes foi determinado no seu nascimento.

¹⁰ Segundo Butler (2003), corpos abjetos são corpos cujas vidas não são consideradas, e sua materialidade é entendida como não importante.

assassinada são entre 15 e 45 anos. O Mapa dos Assassinatos 2019 apresentado pela Antra apresenta que 59,2% das vítimas tinham entre 15 e 29 anos; 22,4% entre 30 e 39 anos; 13,2% entre 40 e 49 anos; 3,9% entre 50 e 59 anos; e entre 60 e 69 anos, 1,3% dos casos, sendo a expectativa de vida de transexuais entre 25 a 35 anos.

Assim sendo, a importância do presente estudo se dá, sobretudo, pelo fato de que existe um desconhecimento sobre essas vivências, pois não se percebem a necessidade de escuta e a relevância necessárias à maneira como pessoas autodeterminadas transexuais lidam com a forma exclusiva como são tratadas, muitas vezes em razão de seu corpo resultar diferente, aos olhos de uma sociedade cis-heteronormativa.

Em se tratando de corpos violentados e não aceitos, a Associação Nacional de Travestis e Transexuais (ANTRA, 2018) informa que 90% dessa população de alguma forma sobrevive por recursos vindos de trabalho sexual. Em uma sociedade com raízes cis-heteronormativas, em que não se aceita o diferente, tampouco se dá oportunidade de trabalho a essas pessoas.

Ainda segundo dados da Antra (2018), são inúmeros os casos de violência contra transexuais. Em um ranking de segurança apresentado pela Antra, o Brasil passou do 55º lugar em 2018 para o 68º em 2019 no ranking de países seguros para a população LGBTQIAP+ (sigla que representa lésbicas, gays, bissexuais, transexuais, travestis, *queer* ou não binários, intersex, assexuais, pansexuais e outros). Nas poucas vezes em que são noticiadas tragédias envolvendo essas pessoas, a mídia não respeita o nome social delas, acarretando, além de violência física, violência psicológica e moral. Bauman (2005) nos ajuda a entender essa violência falando de vítimas que incessantemente sofrem tentativas de aniquilamento, na intenção de ofuscar o duvidoso, o questionável, na busca de um mundo em perfeita ordem, onde cada um sabe exatamente o que e quem é.

Contudo, o Estado, de modo geral, ignora a existência dessas pessoas, e as famílias parecem igualmente esquecer que eles/as existem (ANTRA, 2018). Entretanto, pesquisas recentes apontam que uma mudança pode estar a caminho no sentido de uma maior aceitação das famílias para com as pessoas trans (MONZELI, 2013). Ainda assim, o descaso do Estado e as ideias cis-heteronormativas que fomentam exclusão, fica evidente a demanda por pesquisas que partam das experiências das próprias pessoas que vivem a transexualidade

como uma forma de vida. Dessa forma, é possível elucidar suas necessidades, seus possíveis sofrimentos e suas lutas contra um processo de violência e desumanização, como retrata a Antra (2018). Diante disso, ressalta-se que uma aproximação maior da psicologia acadêmica com os movimentos sociais, por meio de mobilizações coletivas e difusão de conhecimento, pode somar forças em busca de uma nova ideia de diversidade e de espaço coletivo, mais igualitário, justo e inclusivo, como defende Moscovici (2011).

Em se tratando da necessidade de respeitar e entender melhor as experiências transexuais, é urgente compreender o conceito de gênero que se mostra em contramão de um sexo definido na gestação, afastando a ideia de determinismo biológico. Para Butler (2003, p. 69), o gênero “[...] é a estilização repetida do corpo, um conjunto de atos repetidos no interior de uma estrutura reguladora altamente rígida, a qual se cristaliza no tempo para produzir a aparência de uma substância, de uma classe natural de ser”. A autora argumenta que gênero não é uma extensão do sexo cromossômico, mas uma “prática discursiva” que gira em torno de um conceito de heterossexualidade. Entretanto, o gênero vinculado às relações sociais e de poder “se personifica no corpo, sendo ele o veículo de expressão e identificação dos sujeitos” (BUTLER, 2003, p. 70).

Diante do exposto e do entendimento de que o sexo biológico não define nem o gênero nem o desejo de ser de nenhuma pessoa, esta pesquisa é norteadada pela seguinte questão: quais as possíveis vicissitudes em relação ao corpo presentes nas experiências de vida de uma pessoa autodenominada transexual?

Na procura por literatura publicada sobre o tema, no primeiro semestre de 2020, foi feita uma procura com as palavras-chave “transexualidade and gênero” e identidade, na base eletrônica de dados BVS Brasil. A fim de delimitar a pesquisa, foram utilizados alguns filtros disponíveis pela base de dados citada, sendo estes: index psicologia de periódicos técnico-científicos; país Brasil; idioma português; ano de publicação de 2005 a 2020. Além disso, foram considerados apenas os artigos de bases de dados nacionais, com o texto completo disponível para leitura. Nessa busca, foram encontrados 36 artigos, dos quais 10 tratavam diretamente do tema proposto. Dos artigos obtidos, a maioria tratava de experiências transexuais quanto à cirurgia de redefinição sexual, à dificuldade de pessoas autodenominadas transexuais terem acesso ao Sistema Único de Saúde (SUS), transexualidades e educação e ainda barreiras para transexuais conseguirem trabalho.

Para realizar este trabalho, também foi priorizada a investigação por um relato publicado em plataformas digitais e livros que mostrasse experiências e realidades da vida de uma pessoa autodefinida transexual. A ideia inicial desta pesquisa era estudar narrativas de vários sujeitos autodefinidos transexuais. No entanto, após um exame inicial, ao encontrar as falas de Jordhan Lessa e ler seus livros, vislumbrei a possibilidade de um estudo mais profundo da vida de uma única pessoa, tamanha a riqueza de detalhes mostrados por Lessa. Este narra fatos da infância e da juventude, seus amores, suas alegrias e suas tristezas descritos em palavras.

Ressalta-se então que, visando compreender os aspectos indicados, foi realizado um estudo de caso baseado na história de vida de Jordhan Lessa, que se autodefine como um homem transexual. Suas narrativas estão expostas em sites da internet, como o YouTube que é uma plataforma de compartilhamento de vídeos com sede em San Bruno, Califórnia. Esse site foi criado por três ex-funcionários do PayPal – Chad Hurley, Steve Chen e Jawed Karim – em fevereiro de 2005. As narrativas definidas serão melhor descritas posteriormente no item metodologia.

Diante do exposto, os objetivos desta pesquisa foram identificar as possíveis vicissitudes em relação ao corpo presentes nas experiências de vida de uma pessoa autodefinida transexual, especialmente no tocante à relação com seu próprio corpo, à constituição de sua identidade e ao quanto normas cisgêneras afetam essa identidade; às experiências relativas a normativas de gênero e de sexualidade que possam ser identificadas nas narrativas de uma pessoa autodefinida transexual e, por fim, às vivências relacionadas aos outros.

Com isso, almeja-se contribuir para ampliar o conhecimento do que é resistir e existir com esses corpos diferentes em uma sociedade heteronormativa durante uma vida. Isso se torna importante também no âmbito da qualificação de ferramentas de intervenção de psicólogos, médicos, assistentes sociais, entre outros profissionais que realizam trabalho nesse contexto de cuidados.

2 MÉTODO

Quanto à metodologia, esta pesquisa buscou trazer luz ao fenômeno das transexualidades e às vicissitudes das experiências de uma pessoa que se autodetermina transexual. A investigação se deu a partir de relatos de vida já publicados em fontes públicas de informação, como YouTube e livros, que

retratasse o tema transexualidades. Quanto à abordagem, a pesquisa foi definida como qualitativa, por não se preocupar com quantidade de participantes, mas sim com o aprofundamento do entendimento sobre o fenômeno estudado, entendendo ser este um estudo que envolve a percepção das pessoas de como vivem, sentem e se relacionam (MINAYO, 2006). Com objetivos de caráter exploratório, o presente trabalho procurou aprimorar o conhecimento sobre as transexualidades no intuito de analisar, registrar e aprofundar o conhecimento sobre aspectos que envolvem tal fenômeno.

Assim, a busca por uma narrativa que servisse de sustentação para este estudo se deu no YouTube, plataforma que hospeda inúmeros canais que produzem amplo material audiovisual sobre os mais variados temas. Conforme pontuado anteriormente, para a escolha de relato, foram vistas várias explanações expostas no YouTube. Num primeiro momento, a intenção era trabalhar com vários relatos. Todavia, após verificar as narrativas existentes, sendo elas na maioria curtas ou de etapas específicas, foram então encontradas as narrativas de Jordhan Lessa, que abrangem diferentes etapas de vida. Assim, pela análise de uma única história de vida, foi possível acompanhar as vivências e as vicissitudes de uma pessoa autodefinida transexual, propiciando aprofundamento sobre o tema e conhecimento sobre sua trajetória.

Portanto, as narrativas escolhidas foram contadas pelo próprio Jordhan Lessa, sendo este um critério de inclusão para análise, buscando contribuir com o tema a partir de metodologias que priorizem as falas dos sujeitos autores das experiências.

Jordhan Lessa, brasileiro, nascido em Itaperuna em 1967, em suas palavras diz que sempre se sentiu “o meio termo, nem isso e nem aquilo”, se reconheceu como homem transexual aos 45 anos de idade. Nesse momento de vida, diante de tantas indagações, deparou-se com um outro, um palestrante e homem autodefinido transexual, chamado João W. Nery, que por meio de suas histórias de vida contadas em uma palestra, fez com que Jordhan, “[...] além das lágrimas, senti a alegria de poder se olhar no espelho e se reconhecer” (LESSA, 2014, p. 105).

Jordhan cursa Serviço Social na Faculdade Estácio de Sá, no Rio de Janeiro, cursou Autoconhecimento na Unidarma e Inteligência Emocional (IE) pela Escola Conquer. Foi o primeiro guarda municipal autodefinido transexual do Rio de Janeiro, é palestrante e ativista pelos direitos LGBTQIAP+ (CONHEÇA..., 2019).

Para melhor visualização do trabalho aqui disposto, segue uma breve descrição dos vídeos e livros selecionados para o estudo: *Relatos de um homem trans - Pergunte Às Bee 76* (disponível no link: <https://www.youtube.com/watch?v=pmO1DeXWVXQ>), de 7 de abril de 2015, em que Jordhan Lessa fala do lançamento de seu livro e conta algumas passagens de sua vida – como ter sido internado em um manicômio, ter trabalhado de flanelinha, ser autodidata, sua infância conturbada, amores e dissabores em sua trajetória de vida.

O segundo relato usado para enriquecimento do conhecimento e análise foi: *Sou o primeiro guarda municipal transgênero do Rio de Janeiro! | Papo Kabelo com Karol Pinheiro* (disponível no link: <https://www.youtube.com/watch?v=htfIDdSVoTA>), de 18 de novembro de 2019, em que Jordhan fala, entre muitos temas, da carreira de mais de 20 anos como guarda municipal no Rio de Janeiro, do preconceito, do sofrimento em ter passado por um estupro corretivo, da gravidez. O último vídeo selecionado para análise foi *Paternidades Jordhan Lessa*, de 3 de agosto de 2020 (disponível no link: <https://www.youtube.com/watch?v=Y9wU4ioUG1I>). Em todas as narrativas, Jordhan Lessa conta emocionado suas experiências de vida desde a infância, seus mais diversos trabalhos, seus amores e suas experiências até se reconhecer como homem transexual e se tornar um ativista LGBTQIAP+.

Para fundamentar e sustentar a análise, também foram utilizadas as duas obras publicadas por Jordhan Lessa, que serão contextualizadas na sequência. A primeira delas, *Eu trans: a alça da bolsa: relatos de um transexual*, teve primeira publicação pela editora Metanoica em 2014. Nela, Jordhan revela detalhadamente dramas familiares sem minimizar a dor, falando da força e da obstinação de quem, no meio de muita luta, escolheu viver a morrer. Seus relatos francos e cheios de emoção nos fazem viajar nas entrelinhas de uma forte história de vida. A outra obra, pela qual Jô Lessa dá sequência a seus relatos e faz um convite à reflexão sobre as diversidades da humanidade e formas de “abraçar” as diferenças, é o livro *Quem somos? Quem são essas pessoas que poucos conhecem?* (e-book de produção independente de 2018, atualizado em 2020).

O fato de ter analisado relatos de vida já publicados nos possibilita uma prática minuciosa em busca de respostas para possíveis perguntas, procurando sanar os objetivos da pesquisa proposta. Nesse sentido, os relatos de Jordhan nos surpreenderam para além de nossos objetivos, contemplando também fatos relacionados à paternidade e a seus relacionamentos amorosos, incrementando

conhecimento e traduzindo sentimentos variados para este estudo. Utilizando análise do discurso como ferramenta, entendemos as práticas de comunicação como momentos ativos e ordenados com uma total diversidade de linguagem. Da mesma forma, deve-se entender que os relatos linguísticos são ações em produção de consequência, sendo um “texto escrito, uma fala impressa” (SPINK; MEDRADO, 2013, p. 27).

Na visão desses autores, as formas de interpretação são fundamentais para a análise do discurso, podendo assim entender as mais diversas variações linguísticas. Portanto, os discursos se assemelham na forma de expressão, a depender do ambiente social e contexto em que cada sujeito está inserido (SPINK; MEDRADO, 2013). Em outra forma de dizer, essa ideia é essencial para entendermos a variabilidade das comunicações cotidianas envoltas nos mais diversos discursos.

Sendo assim, para analisarmos as práticas discursivas, faz-se necessário compreender a produção dos sentidos. As autoras Spink e Medrado (2013) apontam os sentidos sobre o mundo e as coisas, como algo que as pessoas constroem no convívio e na interação entre elas. Isto é, atribuímos sentido considerando nosso repertório discursivo e a forma de que dispomos para interpretação do mundo.

Para a análise, observamos dois marcos temporais: o tempo vivido e o tempo curto. Segundo Spink e Medrado (2013), o tempo vivido é a história do sujeito apresentada com as emoções e os afetos que se expõem. Trata-se dos afetos aos quais enraizamos nossas narrativas pessoais e identitárias. Quanto ao tempo curto, segundo Spink e Medrado (2013), é o tempo do acontecimento, a concretude da relação social, aquele que nos possibilita entender a dinâmica da produção de sentido: “[...] é o momento concreto da vida social vista como atividade de caráter interativo” (SPINK; MEDRADO, 2013, p. 33).

Como evolução comum em pesquisas que buscam entender os sentidos, a análise iniciou com leitura e aprofundamento nos relatos e no material coletado, passando então para transcrição fiel dos dados. Com isso, foram formados “mapas de associação de ideias”, interligados aos objetivos da pesquisa, aflorando não somente os conteúdos, mas a razão implícita na produção de sentido. Em seguida, sustentou-se teoricamente os relatos já dispostos em categorias, buscando um aprofundamento e sentido ao dito e “ao implícito, na produção de sentido,

entendendo sempre como a objetividade possível no âmbito da intersubjetividade” (SPINK; LIMA, 2013, p. 83).

3 ANÁLISE E DISCUSSÃO

As experiências selecionadas para análise nesta pesquisa dizem da experiência de vida de Jordhan Lessa, nascido em Maricá no dia 12 de junho de 1967. Aos 13 anos, ficou sabendo que não era filho legítimo de seus pais, o que, segundo suas palavras foi uma “sensação de chão se abrindo” (LESSA, 2014, p. 9). Segundo a versão que lhe contaram, “[...] sua mãe biológica, negra, prostituta, se viu impossibilitada de criar gêmeos, dando Jordhan para uma jovem recém-casada e com dificuldades para engravidar, ficando seu irmão de sangue, entregue à própria sorte” (LESSA, 2014, p. 6). Como segunda versão de sua história, Jordhan soube, aos 28 anos, por uma tia, que sua mãe adotiva era na verdade a própria irmã. Isso porque ele havia nascido de uma relação extraconjugal de seu pai, que, até aí, conhecia como avô. Após muitas discussões, Lessa optou por não buscar mais a verdade, pois era sempre acusado de manchar o nome da família.

Com uma infância sem dificuldades financeiras, um chicote e as brigas entre seus pais eram seu maior tormento: “Aquele chicote passou a conhecer bem todos os poros da minha carne, por qualquer motivo” (LESSA, 2014, p. 14). Infelizmente, a violência contra crianças no Brasil é há muito institucionalizada, pois bater era uma resposta frequente a qualquer travessura, choro ou ato de rebeldia. Essa forma de punição era vista como eficaz e necessária para passar educação e bons ensinamentos (AZEVEDO; GUERRA, 2005).

Além das surras que levava, Lessa conta mais uma lembrança da infância, de quando tinha mais ou menos sete anos: “Lembro de ter passado toda a noite de *réveillon* estancando o sangue de minha mãe, depois de ser espancada por meu pai” (LESSA, 2014, p. 15). Quanto a sua família, Jordhan diz lembrar de raros momentos felizes; um deles era brincar de cavalinho com seu pai, até ele e sua mãe se separarem e ficarem mais distantes. Ainda quanto à infância, ele escreve: “Tive todos os brinquedos que queria, menos os carrinhos [...] tive também os que não queria: bonecas, panelinhas [...] a salvação eram os jogos” (LESSA, 2014, p. 19). Com uma infância complicada e sem se reconhecer como uma menina, o que lhe

trazia problemas em casa e no colégio, Jordhan foi salteando as dificuldades e vivendo conforme podia.

Jordhan, sentindo-se pressionado e não compreendido em sua casa, foge aos 14 anos para morar na casa de uma ex-empregada de sua mãe, pois estava apaixonado pela filha dela. No momento em que seus pais descobrem seu paradeiro e a razão de estar lá, Jordhan é internado pela primeira vez, em um “Educandário” para menores infratores. Começa nesse momento sua sina de várias internações.

Aos 15 anos, Jordhan foi morar com seu pai, mas essa tentativa também não deu certo. Perdeu o emprego e virou morador de rua, dormia na marquise do supermercado Pão de Açúcar, nos bancos da Praça Serzêdelo Corrêa ou na areia da praia, sempre em locais perto da casa de sua mãe, em Copacabana mesmo. Sobre sua família nessa época, relata: “Passavam por mim e fingiam que não me viam, minha mãe algumas vezes gritava ‘sapatão’, bem alto para que todos ouvissem e me reconhecessem” (LESSA, 2014, p. 52).

Um pouco mais velho, com 16 anos, Jordhan sofre um estupro “corretivo” e, decidido a levar a gravidez resultante dessa violação adiante, se vê obrigado a pedir ajuda para sua mãe. Entre tantas passagens e tantos acontecimentos dessa época, que serão melhor descritos nos tópicos adiante, Jordhan nos conta que hoje tem um filho de 36 anos e que ambos possuem uma linda relação (LESSA, 2014).

Jordhan se tornou autodidata, usou livros encontrados na rua para seguir estudando e trabalhou desde muito cedo. Foi caixa de supermercado, guardador de carros, auxiliar de mecânico, auxiliar de serviços gerais, camelô, gerente de máquinas de aposta e apontador de jogo do bicho. Apesar de todas as adversidades da vida, passou em um concurso e se tornou funcionário público da prefeitura do Rio de Janeiro. Jordhan tem muito orgulho de ser o primeiro guarda municipal transexual do Rio de Janeiro, há mais de 20 anos (LESSA, 2014).

Com todas essas passagens em sua vida e aos 45 anos, se reconhecendo como um homem transexual, Lessa, motivado por sua esposa, resolve escrever livros para contar sua história e relata: “É extremamente gratificante poder falar sobre nós, pessoas que fogem aos padrões sociais e mostrar a cada um que somos tão dignos e merecedores de respeito como qualquer outra pessoa (LESSA, 2014, p. 114).

Motivado pela esposa, Jordhan, depois de colocar em palavras escritas sua história, mostra para o inspetor geral da Guarda Municipal os seus relatos, e

aguarda por um parecer a respeito. Lessa conta que, após uma semana, o inspetor o chama e diz dar total apoio para que publique seu livro. A partir daí, pela assessoria de comunicação da Guarda Municipal do Rio de Janeiro, começam suas primeiras atividades como ativista, fazendo reportagens e mídia sobre transexualidades e suas experiências de vida.

Para seguirmos conhecendo e entendendo as vivências de Jordhan Lessa, os relatos passarão a ser descritos e melhor explicados em tópicos, evidenciando fatos, sentimentos e as mais variadas experiências, nos enriquecendo de conhecimento e empatia por vidas pouco conhecidas.

3.1 EU, (RE) CONHECENDO MEU CORPO E MINHA IDENTIDADE

Eu (cansado de tentar mudar)
De que adianta tentar ser o que não sou,
E ser o que sou cada vez mais?
De que adianta mudar o fim, se o começo é o mesmo?
De que adianta mudar a cabeça, se a pessoa é a mesma?
Não, não adianta, não sou capaz;
Não quero fazer sofrer, mas sem querer faço.
Se alguém pudesse ver dentro de mim
Veria quanta tristeza tenho em saber que faço sofrer.
Podia ser diferente, mas não é;
Não consigo mudar.
Já tentei com todas as minhas forças, mas será;
Que alguém consegue deixar de amar?
(Jordhan Lessa, 10/10/1984)

Jordhan, sem reconhecer seu lugar no mundo, buscando entender seu corpo e quem ele era, passou por várias experiências e sentimentos desde sua infância. Para conhecer um pouco desses momentos de sua vida, foram usados alguns autores para embasamento teórico, além das narrativas de Lessa.

Para Bento (2006, p. 87), mesmo antes de nascer, nosso corpo já está inscrito em um determinado campo dedutivo. “Se mostra um variado conjunto de expectativas enredadas em um emaranhado de pressuposições de comportamentos, gostos, subjetividades”. Assim também, a mesma autora expõe os corpos como uma história que vai sendo escrita segundo as variações e os anseios sociais. Neles se depositam as mais variadas expectativas sobre o ser em formação. Em sociedades contemporâneas com normas binárias, quando os corpos extrapolam o normativo, a tendência é que sejam patologizados e excluídos. Jordhan, quanto a isso, nos relata: “No colégio não fazia amizades, os meninos não

brincavam comigo por acharem que eu era menina, as meninas não brincavam por acharem que eu era menino, ou seja, eu era uma 'coisa' diferente e não me encaixava de lado nenhum" (LESSA, 2014, p. 18). Fica evidente nessa fala quanto a ignorância pode ferir e excluir, causando sofrimento físico e mental. No caso de Jordhan, como no de tantos outros sujeitos autodefinidos transexuais, sua relação com colegas e a falta de conhecimento dos professores para lidar com o diferente serviram como fatores determinantes para ele desistir do colégio.

Compete aqui a seguinte reflexão de Bento (2011, p. 555): "A escola, que se apresenta como uma instituição incapaz de lidar com a diferença e a pluralidade, funciona como uma das principais instituições guardiãs das normas de gênero e produtora da heterossexualidade". As palavras de Bento deixam claro quanto a escola pode ser transfóbica e excludente.

Em relação ao desenvolvimento do próprio corpo, Lessa (2014, p. 28) nos diz: "[...] meu corpo começava a mudar, nasciam pelos e seios (argh!)". Jordhan ainda escreve em seu livro que pedia a Deus para "[...] fazer o milagre de crescer um pintinho em mim ou fazer aquele que eu tinha crescer um pouco mais". Jordhan nos mostra um corpo se transformando e as incertezas e angústias presentes por tal mudança não corresponder ao desejado. Ademais, observamos a corporeidade pela particularidade do corpo em estabelecer relações com todas as possibilidades que o cercam. Desse modo, "é a forma de o homem ser no mundo", é entender o humano como ser que pensa, sente e age na sua mais completa forma (GONÇALVES, 1994, p. 102).

Um dos aspectos dessa expressão é a forma física do ser humano, que não está ligada unicamente à forma do corpo, mas apresenta um ser que busca se expressar. Dessa forma, esse ser assume uma subjetividade viva e constitui-se como o campo de sua realidade atual. Jordhan nos fala mais um pouco em relação ao corpo: "Tente se imaginar diante do espelho e não reconhecer aquele corpo que vê" (LESSA, 2018, p. 21). Corporeidade é o conter e o pertencer, é o corpo estar condicionado aos mais diversos fatores culturais, históricos, sociais, nas mais diversas relações com o outro que possam afetar um corpo (MANOEL, 2000).

A angústia consiste em não se encontrar, não se identificar pertencente a um grupo quando se está inserido em uma sociedade heteronormativa, cisgênera, com normas binárias, sem espaço para as pluralidades na forma de ser. Esse aspecto fica exposto nas palavras de Jordhan: "O quem eu sou? E o que eu sou? Sempre

me atormentaram. [...] Por isso, desde criança, decidi ser só eu, Jô e pronto, sem me importar se era 'A' ou 'O'" (LESSA, 2014, p. 85). Com essas palavras, Jordhan Lessa procura uma forma de enfrentar as normas de enquadre postas na sociedade, quando decide pela identificação "Jô", que não indica feminino, tampouco masculino.

Ao perseguir ferramentas para lidar com o sentimento de não pertencimento, Lessa mostra um sofrimento já em sua infância. Além de não ser acolhido pelos grupos próximos, necessitou descobrir uma forma de não se sentir constrangido quanto à forma como as pessoas se referiam a ele. Quanto a isso, Berenice Bento (2011) nos diz que a identificação é algo em construção permanente dentro de uma criação histórica e social. As identidades são fruto do discurso e das articulações que formam a subjetividade, com posições que se fixam ("eu sou/eu não sou") (BENTO, 2011). Em vista disso, Hall (*apud* POLETTTO; KREUTZ, 2004) nos apresenta a ideia de identidade do sujeito pós-moderno como algo móvel e instável, como uma composição de múltiplas identidades vivenciadas, onde não existe propriamente uma concordância entre elas.

Para Bento e Pelúcio (2012) e Louro (2003), os conceitos e as regras sociais já vêm sendo construídos desde muito tempo, tendo o binarismo homem-mulher como ideia já enraizada e normativa. Dessa forma, a proposta de adaptar o corpo de um sujeito às normas de gênero socialmente impostas faz parte de um discurso biomédico, associado a um sistema heteronormativo que desconsidera que os polos podem ser variados e plurais. Assim, são instituídas formas pré-determinadas para os corpos, em que meninas vestem vestidos rosa e brincam com bonecas e meninos têm como roupas esteticamente certas paletós, calças, bermudas em predominância na cor azul. As regras se mostram como formas de inserir as pessoas em ambientes binariamente definidos, com controle sobre os corpos, inviabilizando ou ao menos dificultando formas diferentes de ser e se ver.

Em se tratando de corpos, o desejo por alguma mudança corporal, seja por recurso hormonal, seja por via cirúrgica, parte da própria subjetividade das pessoas autodefinidas transexuais, que querem se sentir mais cômodas e identificadas com o próprio corpo. Quanto a esse tema, segue o seguinte relato de Jordhan: "[...] é preciso entender que para a gente a mutilação é justamente ter a mama, tirar é a libertação". Lessa ainda conta que não andava de bicicleta nem fazia esportes em virtude de se sentir incomodado com as mamas, e afirma: "Só quem sente na pele é que consegue entender o que é passar por isso" (SOU..., 2019).

As pessoas autodenominadas transexuais, como quaisquer outros sujeitos, devem ser vistas com respeito, considerando sua individualidade e subjetividade. Desse modo, devem ser consideradas capazes de dizer sobre seu próprio corpo, capacitadas de definir seus desejos sobre mudanças ou não, desde que tenham discernimento. Para isso, podem se valer de procedimentos e técnicas que sejam adequados ao seu querer, podendo acessar qualquer outra forma de suporte e atendimento que lhe pareça cabível e necessária (TREVIZANI, 2019). Nesse sentido Trevizani (2019) ainda completa que governar o próprio corpo está diretamente ligado à saúde integral da pessoa, devendo cada um exercer seus direitos de personalidade conforme seu projeto de vida, sem acometer algum mal (PATERNIDADES..., 2020, transcrição nossa). à vida alheia.

Em busca de se conhecer e entender cada vez melhor seu caminho, sua identidade, entender seu corpo e seus desejos, Lessa, por fim, no dia 6 de agosto de 2013, aos 45 anos, assistiu a uma palestra do psicólogo e escritor João W. Nery, na cidade de Maricá, como já exposto. Sendo este um escritor e palestrante autodefinido como um homem transexual, Lessa se identifica com a história de vida contada por ele, relatando ter passado pelas mesmas opressões. Conforme suas palavras: “Eu pude sentir o meu desespero em receber os presentes que eram para uma menina, vestir as roupas de uma menina, pentear os cabelos e portar-se como uma menina” (LESSA, 2014, p. 105).

Ainda na sequência do relato sobre esse momento único de identificação, Jordhan narra que sentiu que “era como ver a minha vida contada pela boca de outra pessoa [...] e assim eu renasci e me reconheci e falei, caramba eu não tô sozinho, eu achava que seria o Jô o resto da vida” (LESSA, 2014, p. 105). Em um encontro onde Lessa se reconhece nas falas, ele também registra “[...] a alegria de poder se olhar no espelho e se reconhecer. De poder se olhar e se ver sem máscara alguma, de passar as mãos pelo corpo e não sentir ‘aquilo’ que nos constrange e incomoda desde o início da nossa adolescência” (LESSA, 2014, p. 105).

Quanto ao identificar-se como uma pessoa transexual, a autora Letícia Lanz (2015) coloca que pode ser em qualquer momento de sua vida. Pode-se estar em qualquer situação conjugal, sem que exista algum momento ou situação especial para expressar-se. As pessoas vão se percebendo e se revelando de forma natural na medida em que sentem a necessidade de se expressar de forma mais condizente ao gênero ao qual se identificam.

Deschamps e Moliner (2009, p. 70) declaram, com relação à pertença em grupos sociais, que “os indivíduos experimentam a necessidade de sentirem-se relativamente semelhantes ou próximos do outro de um lado e buscam preservar sua unicidade, sua especificidade e individualidade, de outro lado”. Para finalmente entendermos o mal que podemos fazer ao não respeitar o que resulta diferente aos nossos olhos, Jordhan deixa claro: “[...] eu não me transformei em um homem, eu sempre fui quem eu sou” (PATERNIDADES..., 2020, transcrição nossa).

3.2 A RELAÇÃO COM OS OUTROS – VIOLÊNCIA E UM POUCO DE AMOR

Em se tratando de relações com os outros, elas podem ser as mais variadas, indo de rejeição dentro da própria família até acolimento e aconchego na proximidade com um desconhecido. Nesse item, as palavras de Jordhan nos levam da dor ao amor, descrevendo violências e paixões que sustentaram diferentes momentos de sua vida.

Nas mais variadas experiências presentes nos relatos de Jordhan, aparecem as paixões como acolhida, mas a rejeição e a violência também tiveram seu lugar. Jordhan fala sobre uma discussão com a mãe, onde conta para ela que provou maconha e que gostava de uma menina do colégio. Em resposta, ele relata que a mãe o mandou para o quarto até segunda ordem e, quando autorizou sua saída, era para ir a uma clínica para ser atendido por um psicólogo. Contudo: “O psicólogo que me atendeu já estava orientado por ela no que fazer, como fazer e fez” (LESSA, 2014, p. 28-29). Segundo Lessa, o psicólogo orientou internação e tratamento para tentar “curá-lo”, distanciando-o de drogas e do seu interesse por mulheres. Para psicólogos e em especial pessoas em busca de formação, fica clara a necessidade de conhecimento para um melhor acolhimento e escuta de pessoas autodefinidas transexuais.

A família tem se mostrado como o primeiro local de rejeição e repressão para pessoas autoidentificadas transexuais. A família, segundo Lanz (2017), é a base para uma vida saudável, mas tal fundamento é negligenciado em muitos meios, principalmente quando uma criança começa a mostrar comportamentos do sexo oposto, por exemplo. Sendo assim, a “[...] família parte para outra esfera, sendo a agressora. É na família, que as pessoas autodefinidas transgêneras^{XI} descobrem

estarem fazendo uma coisa errada e assim são repreendidas e excluídas” (LANZ, 2017, p. 242).

Similarmente, Jordhan conta ter sido internado uma segunda vez em uma clínica em Botafogo e explana como se sentiu: “O ambiente era sombrio e frio, parecia com um grande depósito de seres humanos abandonados”. Quanto aos maus-tratos e ao excesso de medicação, Lessa comenta: “O tempo que passei ali, foi suficiente para que ao final eu já não andasse sozinho, não comesse e nem sequer conseguisse tomar banho sem a ajuda de uma enfermeira” (LESSA, 2014, p. 41).

De uma forma ou de outra, as pessoas que passam por “ações educativas” por seus pais ou responsáveis sofrem pela vida inteira pelos efeitos desse tratamento. A dor, a opressão, o sentimento de inadequação à identidade de gênero que lhes foi imposta ao nascer deixam marcas profundas no psiquismo dessas pessoas (LANZ, 2017).

Para se recuperar da intoxicação que sofreu na clínica em Botafogo, Jordhan Lessa foi levado para outra clínica em Jacarepaguá. Sobre esse momento, assim escreve em seu livro: “Nessa clínica, também passei por maus momentos, [...] um dia eu perdi a cabeça e tive que ser controlado, sendo então, apresentado à máquina de choque” (LESSA, 2014, p. 31). Jordhan Lessa se refere à eletroconvulsoterapia (ECT) ou eletrochoque, procedimento introduzido nos anos de 1930, adotado, pela psiquiatria como forma de tratamento de sintomas psicóticos (OLIVEIRA, 2019).

Seguindo seu relato, Jordhan conta como foi tal procedimento: “[...] colocavam-me amarrado sobre uma maca com eletrodos na minha cabeça úmida e acionavam uma alavanca que dava choques. A sensação era que jogavam pimenta dentro do meu cérebro e escorria pelo corpo, o que causava dor e torpor até o desmaio” (LESSA, 2014, p. 31).

Com denúncias pela violação de direitos e abuso de poder, esse procedimento foi alvo de inúmeras denúncias de familiares, criando muitas polêmicas. Por fim, seu uso foi banido dos hospitais e manicômios. No atual momento, o eletrochoque é ainda muito questionado e visto em diferentes perspectivas, indo de uma proposta terapêutica à intervenção violenta. Estão ainda em foco as decisões sobre seu uso (DIAS, 2019).

Segundo Letícia Lanz, a família também aparece como vigilante e contentores sobre os corpos, perquirindo formas de punição a qualquer desvio das ditas normas. Em uma cultura patriarcal-machista-cisgênera-heteronormativa, qualquer menino que apresente algum comportamento que não condiz com seu lugar de masculino, por ter um pênis no meio das pernas, “[...] será pressionado, punido e vítima das mais variadas formas de convencimento para trazê-lo de volta para o caminho da normalidade” (LANZ, 2017).

Ainda sobre violência e falta de aceitação familiar, Jordhan relata que, quando adolescente, apaixonou-se pela filha da empregada que trabalhava em sua casa, como já mencionado brevemente. Ele nos narra a reação de sua mãe ao descobrir: “Um dia minha mãe descobriu tudo e mandou a empregada embora e com ela a filha, que era minha namorada. [...] Saí de casa e fui morar com ela na casa da mãe dela em Bangu” (LESSA, 2014, p. 37).

Lessa, nessas linhas, nos mostra rigidez e preconceito. O autor nos relata que, quando foi morar na casa da empregada, seus pais descobriram onde ele estava e ele acabou internado na Fundação Estadual para o Bem-Estar do Menor (Febem), tendo alguns sentimentos quanto à internação descritos em seu livro: “Assim que me vi só naquele lugar, tive medo, mas não me apavorei e me mantive firme [...] eu não era infrator como minha mãe disse a todos quando me levou para lá. [...] E assim os dias foram passando, as coisas acontecendo e eu sobrevivendo” (LESSA, 2014, p. 40-41).

Entre dor, sofrimento e solidão, a violência se mostra presente na vida de Jordhan das mais variadas formas. Silva, Coelho e Caponi (2007) abordam a violência psicológica como violação à identidade e dignidade, ferindo profundamente a autoestima do sujeito. Não são escassas as experiências de vidas transexuais em que se apresentam situações de agressão física e moral como uma forma de punição àqueles que ousam assumir seus desejos vistos como desviantes. A violência então se mostrava em diferentes formas, segundo Lessa: “[...] hoje se chama estupro corretivo, naquela época não tinha nem noção, sofri violência sexual aos 16 anos e a única coisa que eu me lembro é um homem que dizia pra mim que ia me ensinar o que é ser um macho de verdade” (SOU..., 2019). Não bastasse tamanha violência, 21 semanas após este dia, Jordhan descobriu que estava grávido.

O estupro corretivo é uma violência sexual e de gênero em que o poder está relacionado diretamente à imposição sexual. A violência imposta em um ato dessa natureza pode ser citada como uma das violências mais bárbaras sobre o corpo do transexual, em uma tentativa absurda de ressaltar os caracteres biológicos, devastando e negando a sua identidade de gênero (MACHADO, 1998). A transfobia desvela a repugnância do absurdo que um ser humano pode fazer com seus pares, destilando aversão e violência física ou psíquica contra pessoas autodeclaradas transexuais, sendo a maioria dos estupros voltados para mulheres transexuais. Tais agressões são motivadas muitas vezes pela certeza da impunidade desses atos contra seres já fragilizados pela perpetuação do sistema binário. A patologização das experiências transexuais somente revalida a intolerância (JESUS, 2012a).

Aos olhos da teoria queer, a violência contra pessoas transexuais está diretamente associada à ausência de um lugar social que as acomete. O diferente, o estranho, está posto como algo para ser excluído (BUTLER, 2003). Essa teoria não se preocupa tanto com definições, propõe maior fluidez de pensamento no tratamento com o diferente. Afirma, portanto, uma fragilidade em identidades sexuadas e “tenrificadas”, uma “paranoia de uma cultura essencialmente hetero à natureza múltipla” (SALIH, 2018, p. 20). A teoria queer vem falar de minorias sexuais em sua multiplicidade, prestando atenção a todas as perspectivas de sexualidade. Nesse sentido, Louro (2004) também afirma que queer é o diferente, o que causa desconforto e estranheza. É uma forma de pensar e de ser que não se preocupa com normas, e por isso mesmo causa fascínio.

A teoria queer, segundo Louro (2004), apresenta ideias inovadoras, falando de um grupo excluído que causa repulsa e estranhamento aos ditos “normais”. Muitos veem a sexualidade como algo para manter em segredo e no âmbito privado. Essa seria a única forma de serem aceitas algumas práticas sexuais diferentes, pois manifestações não heterossexuais expostas são absolutamente repudiadas.

Não bastasse estupro e dor, Jordhan ainda perde amigos, não por fazer escolhas diferentes, mas por apenas ser quem é, conforme nos relata: “[...] uma amiga chega pra mim e fala que nunca vai conseguir me chamar no masculino, aí eu disse que tranquilo, a partir de hoje não precisa nem me chamar, porque se você não consegue me respeitar, como é que a gente vai ser amigo” (PATERNIDADES..., 2020, transcrição nossa). Trata-se de não ser entendido, não ser respeitado, ver-se exposto ao indubitável. Quanto a isso, nos propõe Bento (2008) que estamos

acostumados ao binarismo, homem-pênis, mulher-vagina. Com isso, ao deparar-nos com os plurais, a tendência, considerando as normas de gênero, é patologizar essas existências.

Em busca de aceitação e reconhecimento, sem se sentir pressionado a ser algo que realmente não sentia ser, Lessa cita suas relações amorosas: “Ela me fez perceber que não era algo que acabaria se eu tomasse uma vacina, não era algo que eu pudesse esconder pelo resto da vida, e que eu não seria feliz ao lado de um homem só para agradar aos outros, enfim, ela me encorajou a me assumir e a me aceitar” (PATERNIDADES..., 2020, transcrição nossa).

Jordhan, quando relata seus amores, nos diz de afeto, de aceitação, de respeito consigo mesmo: “[...] deixei que os meus instintos me guiassem e sentia o que cada toque meu provocava no corpo dela”. (LESSA, 2014, p. 35). O contato com os outros nos causa reações, e são dessas relações que nós, sujeitos, nos produzimos, nos reinventamos e nos identificamos (ESPINOSA, 2016). O mesmo autor ainda segue nos esclarecendo que os afetos não estão apenas em nossas condições de nos relacionar com os outros corpos, mas também dizem da forma que o mundo possibilita esse encontro.

Pensar o encontro, a aceitação a partir do olhar do outro é nos dar conta de que esses instantes interferem no sujeito e nos fazem pensar em que sociedade esses encontros estão autorizados. “Essa menina tornava meus dias menos chatos e perigosos” (LESSA, 2014, p. 40). Nesse relato de relação com o outro, mesmo internado na Febem e com medo, era na vinculação que Jordhan encontrava sossego e aceitação, afirmando em suas palavras: “Tive relacionamentos sérios e longos, com Marisete foram quase nove anos, com Dandara durou intensos 12 meses, [...] até que conheci Catarina e reconheci nela tudo que eu esperava de uma mulher (LESSA, 2014, p. 95).

Entre relatos e fatos, Jordhan nos demonstra que o amor e a sexualidade o acolheram, as paixões foram intensas, e foi dessa forma que a vida lhe apresentou o afeto e a acolhida pelo outro.

Assim também, Chaves (2004) expõe o amor como a ideia de uma troca, é o dar e receber afeto, tendo o prazer como suporte do relacionamento. Nas relações amorosas, o sujeito deposita grande parte dos seus anseios na procura por realizações sexuais e afetivas. Nesses relacionamentos, pode-se buscar uma forma de identidade, a partir da identificação de parceiro de alguém, a partir da

proximidade deste outro. O amar e o se apaixonar, o desejo e o toque sempre se mostram presentes na história de Lessa, que relata como um “divisor de águas” a chegada de Viviane em sua vida. Como ele diz: “A ‘minha amor’, por ser tão diferente de mim, assim como o sol e a lua, conquistou o meu amor e mostra todos os dias que é a mulher da minha vida” (LESSA, 2014, p. 99).

Além de suas paixões, Jordhan formou boas amizades em seu tempo na rua e alguns amigos de trabalho, como Miguel. Sobre essas relações e os momentos que passavam em grupo pela rua, Jordhan comenta: “Raramente deixei de ser reconhecido como homem. [...] O chato mesmo era quando aparecia a ‘monstruação’¹¹, mas como isso não acontecia só comigo, ríamos bastante da situação, e isso disfarçava o constrangimento” (LESSA, 2014, p. 55).

Por todas as colocações, expressemos o óbvio (que deveria ser aos olhos de todos nós): a dignidade humana. Isso porque, conforme palavras de Jordhan Lessa, “[...] todos somos gente, todos nascemos gente”. (PATERNIDADES..., 2020, transcrição nossa).

3.3 GÊNERO: PATERNIDADE E SOFRIMENTO

Recado de um defunto
(morto de saudades)

Quando eu passar desta vida para outra
Deixo lembranças da minha existência terrena
De onde eu estiver guiarei teus passos
Te alegrarei nos momentos de tristeza
Te acalmarei nos momentos de raiva
Te deixarei nos momentos íntimos
E zelarei teu sono para que durmas tranquilo

Da minha passagem desta para outra
Não quero flores, nem choro;
Não quero que falem bem de mim, por que antes ninguém falou

Quando eu passar desta para a outra
Guiarei teus passos para que caminhes sozinho
Pelos caminhos do bem, da honra e da paz;
Porque nasceste de mim e serás eternamente
MEU FILHO!
(Jordhan Lessa, (Rio), 21/05/1986)

¹¹ A menstruação remete diretamente a um corpo biologicamente feminino, além de muitas vezes causar desconforto. Por essas razões, muitos homens trans costumam se remeter a ela como “monstruação” (TOSI, 2019).

Jordhan ainda não tem certeza de quem são seus pais, tem mais dois irmãos que não são de sangue e seu irmão gêmeo, de quem jamais soube o paradeiro.

Com as incertezas e os questionamentos, vindos de uma sociedade estruturada sob normas de gênero e limitações para pluralidades, o que procurava eram laços que o sustentassem e servissem de apoio e motivação para seguir sua vida, apesar de toda a violência que o cercava.

“No planeta inteiro a única certeza que eu tenho de uma ligação de sangue é com esse ser que eu estou gerando, então não posso tirar. Por esse motivo eu não fiz o aborto” (SOU..., 2019). Por meio dessa fala, Jordhan Lessa nos destaca o momento em que descobre estar grávido de 21 semanas e, entre tantas incertezas em sua vida, a única certeza que tinha era a sua ligação de sangue com essa criança.

A gravidez é um momento único e marcante na vida das pessoas, em que cada uma vivencia à sua forma as mais variadas alterações físicas, psicológicas, hormonais para que seu corpo se molde ao momento de gerar outro ser. Dessas mudanças resultam conflitos, dúvidas, medos e inúmeros questionamentos. (PICCININI *et al.*, 2008).

Jordhan, tendo que lidar com a surpresa de uma gravidez, nunca tendo desejado nada do que circunda esse estado gestacional, afirma-nos que nada mudou quanto ao que ele sentia sobre si mesmo: “Ter parido me deu sentimentos sublimes, mas não apagou quem eu era por dentro [...], nossa relação sempre foi de pai e filho, o papel de mãe ficou muito mais pela minha mãe e pela minha irmã, tia dele” (SOU..., 2019). Jordhan escolheu não contar sobre a real situação em que engravidou, pois tinha receio de ser ridicularizado e chamado de mentiroso por sua mãe. Esta e alguns familiares somente souberam a verdade sobre a gravidez depois da publicação de seu primeiro livro, em 2014.

Com tantas experiências vividas e escritas, Jordhan nos questiona sobre o que é ser pai de verdade, pois foi muito questionado sobre sua posição. Dando sequência à questão da paternidade, Lessa expõe: “Eu me julgo muito mais pai, muito mais avô do que muito homem cis que eu conheço por aí” (SOU..., 2019).

Lessa perdeu a guarda do seu filho para sua mãe, quando o bebê tinha quatro meses. Foi mandado para fora de casa e mantido distante de seu filho por sete anos. No momento em que sua presença foi permitida, levou o filho para morar com ele, sua esposa e enteados. Afirmou: “Foi muito difícil, mas agora formamos

uma nova família, eu, minha companheira Marisete, quatro enteados, uns três cunhados e minha sogra” (LESSA, 2014, p. 80). Lessa conta que, quando seu filho completou 21 anos, ele contou toda a verdade de sua vida para ele, e diz: “[...] ele é um cara muito de boa, claro que saber a verdade no momento não foi 100% tranquilo, como não seria pra qualquer pessoa”. Seguindo seu relato, Lessa fala que, com o tempo, seu filho conseguiu entender tudo, e hoje eles possuem uma relação próxima e afetuosa.

Sobre novas configurações de família, Elizabeth Zambrano coloca que as novas disposições familiares, “[...] com pais/mães transexuais, homossexuais, têm se mostrado como um fato socioantropológico”, trazendo a necessidade de uma revisão em conceitos ultrapassadas sobre família (ZAMBRANO, 2006). Inegavelmente, são muitas as remodelações e reflexões necessárias em razão de novas ideias de família. São relações, ligações de afeto que formam famílias e não somente ligações sanguíneas como antigamente se pensava. Dessa forma, delineiam-se novos formatos, com menos amarras.

Estamos rodeados de rótulos e ideias normativas, sendo o gênero o mestre de todos os rótulos sociais. Não corresponder a um lugar, segundo Letícia Lanz (2017), é desesperador, porque é como não ter um lugar no mundo. Por essa razão, muitas pessoas abrem mão de serem elas mesmas. Nas descrições de Jordhan, ele diz: “[...] ainda não basta ser homem ou mulher, tem que ser homem com comportamento x e mulher com comportamento y senão a coisa não anda” (SOU..., 2019). Salienta-se ainda, nas palavras de Lanz (2017, p. 207), que é impossível resumir um ser somente ao seu biológico, “[...] seria necessária muita repressão e controle externo dos indivíduos”.

Em conformidade, o gênero seria organizador de uma cultura que, dentro de uma matriz binária, seleciona formas de se comportar referentes a homens e mulheres. Pontua, dentro desse molde, como podem ser as relações interpessoais. Em contraposição, há corpos que não se submetem e não se enquadram a essa norma, reinventando-se continuamente (BENTO, 2006). Assim, fica entendido que qualquer tentativa de adequar os corpos às normas de gênero é fruto de um discurso biomédico que desconsidera quaisquer pluralidades de expressão (LOURO, 2005).

Lessa usa palavras de João W. Nery para comentar sobre corpos e gênero: “Não é o corpo que define nosso gênero, é o nosso gênero que define o nosso

corpo”. (NERY *apud* PATERNIDADES..., 2020, transcrição nossa). Qualquer forma de podar a forma de ser e se expressar dos sujeitos, segundo Lessa, “[...] acaba por ceifar vidas. Temos uma taxa de suicídio muito alto, a gente tem uma taxa de depressão muito alta. É como se essa população não tivesse direito de existir”. (PATERNIDADES..., 2020, transcrição nossa). Infelizmente, os dados apontam que a violência contra a comunidade transexual só vem aumentando. Segundo o Boletim 2-2020 da Antra, no primeiro quadrimestre de 2020 aumentou em 48% o número de assassinatos de pessoas transexuais no Brasil.

Entendendo pessoas que se autodeterminam transexuais como corpos resistentes à opressão e que de forma valente lutam por seus direitos, podemos citar alguns ganhos no transitar dos anos. Como direitos adquiridos, no ano de 2018, o Supremo Tribunal Federal (STF) determinou que transgênero tem o direito de alterar o nome social e o sexo no registro civil, mesmo que não tenha realizado a cirurgia de readequação social. Quanto a esses processos de transição e nome social, Jordhan assinala: “[...] sou o primeiro guarda trans, sou o primeiro guarda na época a ter o nome social reconhecido, hoje foi tudo retificado, não existe mais nenhum registro anterior”. Ao assinalar os ganhos com o nome social, Jordhan Lessa também aponta: “[...] tem as implicações práticas, por exemplo, se eu tiver que acompanhar meu neto em um hospital, em uma viagem, eu não sou parente dele, porque meu nome não está lá”. (PATERNIDADES..., 2020, transcrição nossa).

Ao falar sobre as vitórias da população transexual, faz-se necessário pontuar sobre o movimento LGBTQIAP+ (à época apenas LGBT), que começou a se desenvolver no Brasil a partir da década de 1970, em meio à ditadura militar (1964-1985). Algumas publicações LGBTQIAP+, como os jornais *Lampião da Esquina* e *ChanacomChana*, foram fundamentais para esse movimento, tratando de violências homossexuais, entre várias outras questões sociais. Quanto às pautas desse movimento, pode-se citar algumas delas: despatologização das identidades trans; adoção permitida por casais homoafetivos; fim da estereotipação da comunidade LGBTQIAP+ na mídia; leis e políticas públicas que garantam o fim da discriminação; casamento civil igualitário; reconhecimento da identidade de gênero; fim da “cura gay”. Nesse contexto de lutas, é importante mencionar o Dia Internacional do Orgulho LGBT, marcado por um episódio em Nova Iorque, no ano de 1969, em que frequentadores gays de um bar, Stonewall Inn, depois de várias agressões policiais no local, finalmente resolveram reagir. Assim, no ano seguinte, no mesmo dia, 28 de

junho, deu-se início à primeira Parada LGBTQIAP+, mobilizando o mundo para essa luta contra o preconceito (SOUZA, 2020).

Essas colocações contribuem para refletirmos sobre lutas ganhas pela comunidade transexual, mas também para dar-nos conta das muitas dificuldades e dos temas que ainda existem e necessitam ser discutidos. Sobre direitos e a não violências, Jordhan pontua:

Vai ser maravilhoso o dia que nós não precisarmos fazer mais nenhum tipo de reivindicação. Vai ser maravilhoso o dia que você não precisar dizer que estar ali é um direito seu [...] e que as pessoas se importem com a vida das outras, no sentido de ajudar, não de atacar, de dizer e aí, aconteceu alguma coisa? Você está precisando de alguma coisa? Será que eu posso te ajudar? (PATERNIDADES..., 2020, transcrição nossa).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com este estudo, foi possível entender que as experiências e vicissitudes da trajetória de vida de pessoas autodefinidas transexuais são permeadas por muitos sofrimentos, pela falta de reconhecimento e aceitação desses corpos diferentes, embora possuam todo o direito de ser e sentir, conforme qualquer outra pessoa.

Infelizmente, devido a sociedades cujas normas cisgêneras e heteronormativas regem os corpos, ficam ainda retraídas e excluídas as expressões plurais de gênero. Espaços públicos ainda são frequentados por corpos que se encaixam em estereótipos masculinos e femininos já delimitados, contando com o preconceito e o desconhecimento como ferramentas para a manutenção da exclusão e de comportamentos transfóbicos.

Considerando os relatos de Jordhan, expostos neste estudo, fica transparente a necessidade de mais informações sobre transexualidades, É preciso comover a comunidade em geral quanto a julgamentos injustos, advindos de olhares que se atêm ao externo, sem respeitar a individualidade e a subjetividade dos sujeitos. Os corpos são formas de transitar no mundo e carregam nossos desejos e expressões formados ao longo de nossa existência, em contato com diferentes culturas e seres. Essa relação deve ser respeitada e entendida como a integralidade do ser e a forma materializada de se mostrar.

A aceitação e o acolhimento às pessoas autodefinidas transexuais estão longe de serem objetivados, pois os números de violência seguem uma reta

crescente, com crimes bárbaros revelando ódio e desrespeito. Em muitos casos, a violência já se inicia no meio familiar, com críticas e punições aos jovens que apresentam comportamentos diferentes ao esperado e não equivalentes ao seu gênero biológico. Com isso, muitas pessoas autodefinidas transexuais são expulsas de suas casas e, em consequência, buscam a prostituição como forma de sustento, tendo a sociedade ainda uma resistência muito grande a empregar dignamente esses sujeitos.

Por meio do estudo de caso, foi possível vislumbrar o fenômeno como ele se apresenta, entender o sujeito e seu entorno. As narrativas selecionadas nos mostraram a realidade vivida, acrescentando e enriquecendo a pesquisa para além de nossos objetivos descritos e almejados.

Revela-se neste estudo a necessidade de psicólogos bem formados e informados sobre o tema transexualidades, pautando seus atendimentos no Código de Ética Profissional e atuantes com o CFP no enfrentamento da LGBTFobia e na defesa dos Direitos Humanos como forma de garantir a dignidade. Esses profissionais devem estar presentes em movimentos sociais, trabalhando coletivamente para eliminar qualquer ideia de discriminação, opressão e violência contra a população transexual.

Fica evidente a urgência de se desenvolverem mais estudos para o meio acadêmico e promover momentos de escuta de pessoas autodefinidas transexuais para o conhecimento geral, na busca de aprendizado e melhores formas de atendimento psicológico, em que sejam conhecidas e entendidas as diversas formas de se mostrar no mundo. Como nos escreve Jordhan (2018, p. 6), “Entender, Respeitar, Amar, [...] o mundo só terá harmonia quando fizermos acontecer essas três ações. Será que podemos fazer isso juntos?”.

REFERÊNCIAS

ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE TRAVESTIS E TRANSEXUAIS (ANTRA). **Mapa dos assassinatos de travestis e transexuais no Brasil em 2017**. Brasil, 2018.

AZEVEDO, Maria Amélia; GUERRA, Viviane Nogueira de Azevedo. **Violência doméstica contra crianças e adolescentes**: um cenário em (des)construção.

Unicef, 2005. Disponível em:

https://www.inesul.edu.br/professor/arquivos_alunos/doc_1280520336.pdf. Acesso em: 6 nov. 2020.

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**: entrevista a Benedetto Vecchi. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

BENTO, Berenice. **A reinvenção do corpo**: sexualidade e gênero na experiência transexual. Salvador: Devires, 2006.

BENTO, Berenice. **O que é transexualidade**. São Paulo: Brasiliense, 2008.

BENTO, Berenice. **Transviad@s**: gênero, sexualidade e direitos humanos. Salvador: EDUFBA, 2017.

BENTO, Berenice. Na escola se aprende que a diferença faz diferença. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 19, n. 2, p. 549-559, maio/ago. 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ref/v19n2/v19n2a16.pdf>. Acesso em: 7 out. 2020.

BENTO, Berenice; PELÚCIO, Larissa. Despatologização do gênero: a politização das identidades abjetas. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 20, n. 2, p. 559-568, ago. 2012. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2012000200017&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 28 out. 2020. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-026X2012000200017>.

BURIGO, Joanna. É preciso ter cuidado com o pensamento binário. **Carta Capital**, 30 mar. 2016. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/opiniao/e-preciso-ter-cuidado-com-o-pensamento-binario/>. Acesso em: 6 nov. 2020.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Tradução: Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CHAVES, Jacqueline. C. **Contextuais e pragmáticos**: os relacionamentos amorosos na pós-modernidade. 2004. Tese (Doutorado em Psicologia) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2004. Disponível em: <http://objdig.ufrj.br/30/teses/JacquelineCChaves.pdf>. Acesso em: 7 out. 2020.

CISGÊNERO. *In*: SIGNIFICADOS.br. [S. l.]: Significados, 2020. Disponível em: <https://www.significadosbr.com.br/cisgenero>. Acesso em: 8 jul. 2020.

CONHEÇA minha Mandala de trabalho. [S. l.: s. n.], 2019. 1 vídeo (10 min). Publicado pelo canal Palestrante Jordhan Lessa. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=mfUh4Ces2lo&t=171s>. Acesso em: 6 nov. 2020.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA (CFP). **Resolução nº 1, de 29 de janeiro de 2018**. Estabelece normas de atuação para as psicólogas e os psicólogos em relação às pessoas transexuais e travestis. Disponível em: <https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2018/01/Resolu%C3%A7%C3%A3o-CFP-01-2018.pdf>. Acesso em: 6 nov. 2020.

DESCHAMPS, Jean Claude; MOLINER, Pascal. **A identidade em Psicologia Social**: dos processos identitários às representações sociais. Tradução: Lúcia M. Endlich Orth. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

DIAS, Bruno C. Paulo Amarante debate validade da ECT no jornal O Tempo. **Abrasco**, 26 fev. 2019. Disponível em: <https://www.abrasco.org.br/site/outras-noticias/opiniao/paulo-amarante-debate-validade-da-ect-no-jornal-o-tempo/39767/>. Acesso em: 7 out. 2020.

FERREIRA NETTO, Letícia Rodrigues. Transfobia. **InfoEscola**, 2020. Disponível em: <https://www.infoescola.com/sociologia/transfobia>. Acesso em: 8 jul. 2020.

GONÇALVES, Maria Augusta S. **Sentir, pensar, agir**: corporeidade e educação. Campinas, SP: Papyrus, 1994. (Coleção Corpo e motricidade).

HETEROSSEXUAL. *In*: CONCEITO de. [S. l.]: Conceito.de, 2020. Disponível em: <https://conceito.de/heterossexual>. Acesso em: 8 jul. 2020.

JESUS, Jaqueline Gomes de. Identidade de gênero e políticas de afirmação identitária. *In*: CONGRESSO INTERNACIONAL DE ESTUDOS SOBRE A DIVERSIDADE SEXUAL E DE GÊNERO DA ABEH, 6., 2012, Salvador. [Paper]... Salvador: UFBA, 2012a.

JESUS, Jaqueline Gomes de. **Orientações sobre identidade de gênero**: conceitos e termos. 2. ed. Brasília, DF, 2012b.

LANZ, Letícia. **O corpo da roupa**: a pessoa transgênera entre a transgressão e a conformidade com as normas de gênero: uma Introdução aos estudos transgêneros. Curitiba: Transgente, 2015.

LANZ, Letícia. **O corpo da roupa**: a pessoa transgênera entre a transgressão e a conformidade com as normas de gênero: uma Introdução aos estudos transgêneros. 2. ed. Curitiba: Transgente, 2017.

LANZ, Letícia. Ser uma pessoa transgênera é ser um não-ser. **Revista de Estudos Indisciplinares em Gêneros e Sexualidades** [UFBA], Salvador, v. 1, n. 5, maio/out. 2016.

LESSA, Jordhan. **Eu trans**: a alça da bolsa: relatos de um transexual. Rio de Janeiro: Metanoica, 2014.

LESSA, Jordhan. **Quem Somos?** Quem são essas pessoas que poucos conhecem? 2018. E-book.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**: uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis: Vozes, 2003.

LOURO, Guacira Lopes. Heteronormatividade e homofobia. *In*: SIMPÓSIO PARANÁ-SÃO PAULO DE SEXUALIDADE E EDUCAÇÃO SEXUAL, 1., 2005, Araraquara. **Notas para conferência de abertura** [...]. Araraquara, 2005.

LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho**: ensaios sobre sexualidade e teoria queer. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

MACHADO, Lia Zanotta. Masculinidade, sexualidade e estupro: as construções da virilidade. **Cadernos Pagu**, n. 11, p. 231-273, 1998. Disponível em:

<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/8634634/2553>. Acesso em: 7 out. 2020.

MANOEL, Felismar. A corporeidade e a relacionalidade do ser humano. **Fisioterapia Brasil**, v. 1, n. 1, set./out. 2000.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento**. 6. ed. rev. São Paulo: Hucitec, 2006.

MONZELI, Gustavo Artur. **Em casa, na pista ou na escola é tanto babado**: espaços de sociabilidade de jovens travestis. 2013. Dissertação (Mestrado em Terapia Ocupacional) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2013. Disponível em: <https://repositorio.ufscar.br/bitstream/handle/ufscar/6866/4852.pdf?sequence=1>. Acesso em: 25 nov. 2020.

MOSCOVICI, Serge. **Psicologia das minorias ativas**. Petrópolis: Vozes, 2011.

OLIVEIRA, Walter Ferreira. Eletroconvulsoterapia (ECT) / eletrochoque: a produção de evidências sobre seu uso, eficácia e eficiência. **Cadernos Brasileiros de Saúde Mental/Brazilian Journal of Mental Health**, Florianópolis, v. 11 n. 28, p.46-68, 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/cbsm/article/view/69772/0>. Acesso em: 6 nov. 2020.

PATERNIDADES Jordhan Lessa. [S. l.: s. n.], 2020. 1 vídeo (55 min). Publicado pelo canal Palestrante Jordhan Lessa. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Y9wU4ioUG1I>. Acesso em: 7 out. 2020.

PERES, William; TOLEDO, Livia Gonsalves. Dissidências existenciais de gênero: resistências e enfrentamentos ao biopoder. **Revista Psicologia Política**, v.11, n. 22, p. 261-277, 2011. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S1519-549X2011000200006&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 6 nov. 2020.

PICCININI, Cesar Augusto *et al.* Gestação e a constitui o da maternidade. **Psicologia em Estudo**, v. 13, n. 1, p. 63-72, 2008.

POLETTI, Julia; KREUTZ, L cio. HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade. 9. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2004. **Conjectura: Filos. Educ.**, Caxias do Sul, v. 19, n. 2, p. 199-203, maio/ago. 2014. [Resenha].

SALIH, Sara. **Judith Butler e a teoria queer**. Tradução e notas Guacira Lopes Louro. Belo Horizonte: Autêntica, 2018.

SILVA, Luciane Lemos da; COELHO, Elza Berger Salema; CAPONI, Sandra Noemi Cucurullo de. Violência silenciosa: violência psicológica como condi o da violência física doméstica. **Interface**, Botucatu, v. 11, n. 21, p. 93-103, jan./abr. 2007. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-32832007000100009&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 21 set. 2020. <https://doi.org/10.1590/S1414-32832007000100009>.

SOU o primeiro guarda municipal transgênero do Rio de Janeiro! | Papo Kabelo com Karol Pinheiro. [S. l.: s. n.], 2019. 1 vídeo (20 min). Publicado pelo canal SalonLineBrasil. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=htfIDdSVoTA>. Acesso em: 7 out. 2020.

SOUZA, Leidiane. Dia mundial do orgulho LGBT: data celebra a luta por respeito e direitos iguais. **Sinpro-DF**, 28 jun. 2020. Disponível em: <https://bit.ly/38iPGxO>. Acesso em: 6 nov. 2020.

SPINK, Mary Jane P.; LIMA, Helena. Rigor e visibilidade: a explicitação dos passos de interpretação. *In*: SPINK, Mary Jane (org.). **Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano**: aproximações teóricas e metodológicas. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2013. p. 71-99. cap. 4.

SPINK, Mary Jane P.; MEDRADO, Benedito. Produção de sentido no cotidiano: uma abordagem teórico-metodológica para análise das práticas discursivas. *In*: SPINK, Mary Jane (org.). **Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano**: aproximações teóricas e metodológicas. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2013. p. 22-41. cap. 2.

TOSI, Marcela. Quem menstrua? Não só mulheres. **Medium**, 10 set. 2019. Disponível em: <https://medium.com/@tosi.marcela/quem-menstrua-n%C3%A3o-s%C3%B3-mulheres-be7aa5695970>. Acesso em: 25 nov. 2020.

TREVIZANI, Giovana Bianca. Meu corpo, minhas regras: a transexualidade sob a luz do direito constitucional e as lacunas no estado democrático. **Portal Jurídico**, 24 jul. 2019. Disponível em: <https://ambitojuridico.com.br/cadernos/direito-constitucional/meu-corpo-minhas-regras-a-transexualidade-sob-a-luz-do-direito-constitucional-e-as-lacunas-no-estado-democratico-de-direito/>. Acesso em: 6 nov. 2020.

ZAMBRANO, Elizabeth. Parentalidades “impensáveis”: pais/mães homossexuais, travestis e transexuais. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v. 12, n. 26, p. 123-147, jul./dez. 2006. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-71832006000200006&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 28 set. 2020. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-71832006000200006>.